

No interior das pousadas do SNI: processos de mobiliário e projetos culturais

MARTA LALANDA PRISTA

Marta Lalanda Prista é doutorada e mestre em Antropologia (FCSH-UNL, 2011 e 2005) e licenciada em Arquitetura (FAUTL, 2000). Atualmente, é investigadora integrada no CRIA-FCSH/NOVA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia (PEst-OE/SADG/UI4038/2014), desenvolvendo o projeto de pós-doutoramento “Popular, moderno, erudito: arquitetura, cultura e identidade”, financiado pela FCT (SFRH/BPD/75978/2011).

Inauguradas à imagem de casas de campo para uma experiência de portugalidade nos anos 1940, as Pousadas são hoje apreciadas como espaços da história em lugares de tradição onde a autenticidade da cultura é mediada por dispositivos de modernidade. Ao longo de sete décadas, a rede hoteleira foi ampliada e reconfigurada por repertórios discursivos e materiais de cultura e passado que anunciam as flutuações dos seus entendimentos e usos, permitindo pensar as Pousadas como catálogo de modalidades de representação da identidade nacional¹. O espaço construído não é, todavia, o produto estático de uma intenção, mas a materialidade de negociações entre contextos ideológicos, económicos, sociais e tecnológicos, experiências fenomenológicas e representações simbólicas². Objetificando estes processos, a cultura material é mais que um diagrama de ordem social ou suporte passivo de significados; ela dá forma às relações dialógicas entre pessoas e coisas que têm formas, usos, histórias, valores e agências particulares³.

Dar conta destas múltiplas dimensões e atores não cabe no horizonte deste ensaio, mas é o subtexto do seu argumento. Enquanto projetos culturais, as Pousadas antecedem e sobrevivem o tempo de produções físicas particulares. Hoje, a ampliação dos seus modos de espacializar o passado nacional é inteligível no alargamento do programa ruralista à história e modernidade, da objetificação à interpretação da cultura. Todavia, as matizes deste processo mostram não tratar-se de um trajeto linear e unísono. É preciso pensar as Pousadas além da

dimensão perene e visual da cultura material para compreender as dinâmicas que são lhes próprias. E a configuração dos seus espaços interiores por objetos que são móveis e substituíveis, utilitários e simbólicos, às vezes ambíguos e dissonantes, oferece um terreno exploratório produtivo.

Embora encorajadas pelo desenvolvimento das práticas e infraestruturas turísticas, as primeiras Pousadas pretendiam, antes de mais, dar forma material ao imaginário oficial da identidade nacional⁴. É sugestiva a sua apresentação pelo Secretariado de Propaganda Nacional para as comemorações do Duplo Centenário e a incorporação do turismo no SPN/SNI em 1940⁵. Este imaginário herdava uma conceção romântica de nação etnogenealógica validada na antiguidade da história e na autenticidade da tradição. Cabia ao Estado, num tempo de ressurgimento nacional⁶, ressocializar as lições morais e estéticas do passado na vida nacional. Pela mão da Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN.) repunha a verdade histórica da fundação e glória nacional; com a intervenção do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), celebrava o povo português, esteticizando e divulgando a sua cultura de matriz rural. Neste compromisso ideológico, o turismo era um veículo de *marketing* que anunciava o repertório simbólico da nação, inspirava o seu consumo e conduzia à nacionalização do gosto⁷. As Pousadas eram um dos seus cartazes.

As primeiras unidades foram criadas como “casas de campo de conforto rústico e bom gosto” para hóspedes desfrutarem da



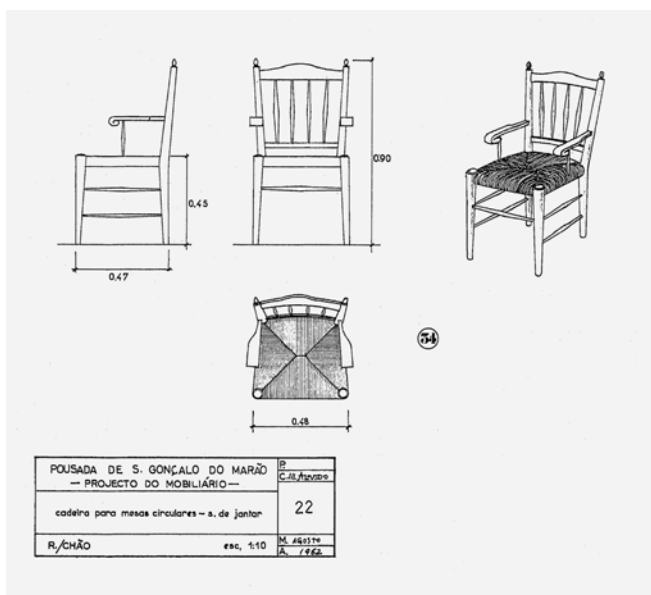
1

“simplicidade amável das gentes locais“ e do “paladar” da comida regional⁸. Junto às principais estradas do país, sobranceiras e longe de vilas, as Pousadas mapeavam a integridade territorial e cultural, evitando o constrangimento da miséria à imaginação de uma paisagem nacional, mais arcadiana e pitoresca do que rural⁹. Os edifícios, entregues às Obras Públicas para projetar, exibiam um léxico formal legatário do debate romântico sobre a cultura nacional, que acabou fornecendo uma gramática arquitetónica útil à “objetificação” da nação na ideia de Casa Portuguesa¹⁰. Nos interiores, a domesticidade rural era encenada pelo SPN, que regulava a mercadorização da hospitalidade e gastronomia locais¹¹, e decorava o espaço com artefactos selecionados da arte popular e saneados em função dos seus valores plásticos¹². Proporcionava-se uma experiência multifacetada, quotidiana e “banal”¹³ do nacionalismo oficial através da analogia entre casa e nação, construída desde a trilogia nacional às páginas da revista *Panorama*¹⁴. [1]

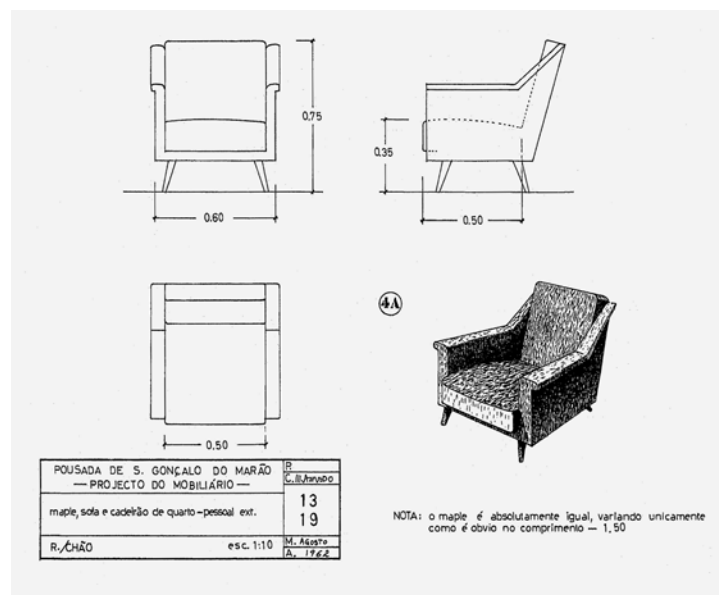
Certamente, a localização das Pousadas teve motivos logísticos, a Casa Portuguesa era só uma das expressões de um debate polémico e não havia hegemonia formal na produção do espaço pelo regime¹⁵. Revisitações recentes das Pousadas sublinham até a racionalidade da sua orgânica funcional e volumétrica como expressão de modernidade – a sala de jantar estruturando o uso e a forma do espaço¹⁶. A relação entre tradição e modernidade é aliás uma ambiguidade conhecida da produção do espaço pelo Estado Novo. Nas Pousadas, trata-se ademais de uma dinâmica

intrínseca aos projetos culturais que se especializam. É arriscado falar sobre a domesticação da cultura material nas primeiras Pousadas. Implica processos mediados por interações passadas entre objetos e sujeitos, a que acresce a falta de integridade dos acervos documentais e materiais¹⁷. No entanto, as qualidades próprias dos artefactos de mobiliário e decoração, desde a sua natureza móvel a uma certa indisciplina de projeto, tornam-nos particularmente expressivos de algumas dimensões das Pousadas como processos culturais.

Pensar na cultura material como passiva e não conflitual é, desde logo, um equívoco que reifica as coisas como produto e ignora o processo negocial da sua produção. O interior das primeiras Pousadas mediou saberes, poderes e visões de vários atores, cada qual com uma estrutura institucional e agência individual. Arquitetos e decoradores propuseram peças de mobiliário e decoração, as Obras Públicas e o SPN ajuizaram a sua adequação, e a Comissão para Aquisição de Mobiliário (CAM) geriu o processo de seu fabrico e aquisição¹⁸. Entre uns e outros se desenharam os interiores das Pousadas com objetos desfetados no estilo, triviais nos usos e com uma disposição familiar¹⁹. Mas, se o SPN enaltecia a autenticidade de barros e tapetes regionais, os arquivos mostram que estes também eram comprados a fabricantes, por indicação dos projetistas. Como o decorador de Marão esclareceu, “rebuscados na Arte do Povo”, as peças precisavam ser redesenhadas, pois a sua “rudeza é índice dum viver simples, primitivo e despido de todo o bem-estar”²⁰.



2



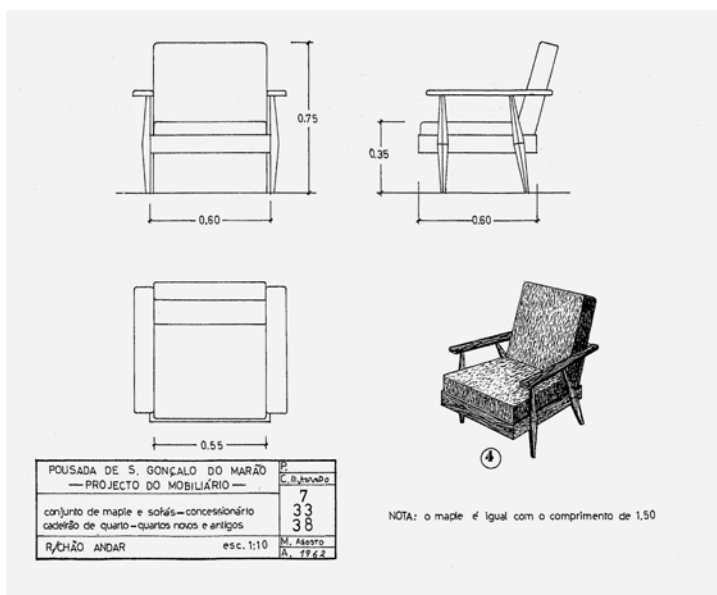
3

Candeeiros de ferro batido eram adaptados à luz elétrica, tecidos sombrios da região eram trocados por outros, mais alegres e pitorescos, e o mobiliário de madeira com motivos de evocação popular apresentava linhas clássicas e técnicas modernas. Em todas as Pousadas, no entanto, o mobiliário para funcionários carecia de adornos, sendo grande parte de metal, produzido em série e escolhido pela CAM, que consultava fornecedores, muitas vezes os mesmos, para economia do processo.

Materiais, estéticas e custos diferenciavam-se segundo usos e usufrutuários num projeto cultural que propunha a “modernidade possível” da nação tradicional²¹. Os artefactos combinam múltiplas qualidades, da estética à utilidade, da forma à tecnologia, e as Pousadas mostram como cada uma é mais ou menos relevante em espaços, mas também em tempos particulares. Uma vez inauguradas, as unidades logo eram ampliadas e modernizadas²². Parte do seu recheio reproduzia em série as peças existentes, numa intervenção consonante e pragmática, que também atualizava o gosto. Concessionários e inspetores solicitavam materiais modernos e nobres para cadeiras de exterior, melhoramentos tecnológicos em móveis de desgaste e maior sentido estético das peças decorativas. Até hóspedes e elites da época sugeriam peças e relíquias, confirmando a

amplitude social dos atores envolvidos na produção material das Pousadas²³. No Marão, por exemplo, as cadeiras de inspiração regional **[2]** foram reproduzidas, mas adquiriram-se maples ergonómicos, mais atuais **[3, 4]**, e se os quartos de hóspedes ganharam toucadores de remates torneados e delicados, para os funcionários desenharam-se peças modernas de madeira com linhas oblíquas²⁴.

Desconsiderar estas intervenções é ignorar a natureza dinâmica e ambígua dos processos culturais a que as Pousadas dão forma. A Pousada de Óbidos é um caso exemplar. Desde 1933, o castelo e a muralha da vila vinham sendo restaurados pela DGEMN como metáfora visual da história da nação. O Secretariado Nacional de Informação (SNI) e a autarquia assistiram à construção do lugar como destino nacional, acrescentando-lhe o valor pitoresco de um espaço urbano e social saneado e esteticizado²⁵. Neste contexto nasceu a ideia de uma Pousada em monumento, inaugurada em 1950 no paço medieval, reconstruído com beirais à portuguesa. No interior, cantarias manuelinas e cadeirões de tachas apunham-se a lambris de azulejo e cerâmicas regionais. Concessionada e frequentada pelas elites da capital, cedo a inspeção das Pousadas a tomou por “mesquinha pensão de província”, suscitando a



4



5

troca de peças regionais por outras de época, mais adequadas à “confortável moradia dum grande Senhor feudal”²⁶. [5]

Tonalidade de uma experiência singular, os repertórios e usos económicos e simbólicos da história foram todavia formalizados na rede Pousadas no contexto político, económico e cultural do pós-guerra. Compelido à moderação e modernização, o Estado Novo perdeu o fulgor ideológico e o país tornou-se permeável a ideias e práticas modernas²⁷. António Ferro saiu do SNI, em 1950, e a DGEMN assumiu a direção do plano de expansão das Pousadas, alargado a novos valores patrimoniais e práticas de lazer para promover o desenvolvimento de destinos turísticos, culturais e naturais²⁸. Monumentos foram adaptados por técnicos da DGEMN ao uso hoteleiro, encenando a *patine* histórica também no interior, sem prejuízo de tempos do passado e numa aproximação à conceção moderna de restauro²⁹.

Edifícios novos foram adjudicados a jovens profissionais liberais que procuravam uma alternativa ao modernismo internacional e à folclorização da arquitetura, na humanização do espaço por integração de tradição e modernidade³⁰. Em projetos mais caros ao regime, porém, o imaginário da Casa Portuguesa persistia, moderado que fosse pela ampliação e modernização de dispositivos espaciais³¹.

Esta fragmentação deu expressão material à “guerra cultural” travada por elites políticas, artísticas e intelectuais sobre as modalidades de representação da identidade nacional³². Mas também à vida cultural e social moderna, onde o turismo era uma atividade económica e de lazer, e as práticas de cultura mais amplas nos tempos, espaços e autoridades de enunciação. Estabeleciam-se novas dinâmicas entre os atores e as narrativas de passado das Pousadas, e as suas dimensões eram particularmente expressivas no desenho dos interiores.

Com maior e menor assertividade, os projetos concretizavam a ideia moderna de obra total, do sítio ao pormenor, exteriores e interiores sendo pensados por uma conceção globalizante de lugar. O projeto cultural das Pousadas não se autonomizou do regime, a DGEMN e o SNI mantinham tutela e controlo sobre as intervenções materiais e a gestão hoteleira. Mas a contenção das suas apreciações e as diligências dos projetistas para viabilizar as suas conceções sugerem um reequilíbrio de interesses e poderes entre atores na produção das Pousadas. Em Serpa, por exemplo, a falta de rusticidade do mobiliário de quarto moderno em madeira [6] é negociada na pintura de flores ao jeito alentejano, e até as gravuras doadas pelo arquiteto, de início recusadas por falta de tom regional, acabam sendo parcialmente adquiridas³³.

[2-4] Pousada de São Gonçalo do Marão. Projeto de mobiliário. Rogério de Azevedo. 1962.

[5] Pousada de Óbidos. Sala de Jantar. 1952.



6

[6] Pousada de Serpa. Quarto.
Leonardo Castro Freire. 1960-1963.

[7, 8] Pousada de Oliveira do Hospital.
Manuel Tainha. Inauguração em 1971.

Com efeito, os interiores das Pousadas espacializavam representações de história, de tradição e modernidade consonantes com o novo programa político, social e económico da rede, mas os materiais, as técnicas e as formas do passado eram interpretados de forma moderna por novos intelectuais e artistas, numa dessacralização do passado³⁴. As zonas para hóspedes tornaram-se espaços polifónicos de passado e presente, de cultura popular e erudita. Ampliadas e diversificadas, já não dispunham só de móveis indispensáveis à dormida e refeição, mas serviam-se deles como artefactos para compor esteticamente diferentes ambientes onde os hóspedes podiam “estar”. O diálogo foi mais expressivo nas Pousadas regionalistas, pela convivência de cadeirões de série modernos com peças históricas do século XVII e bancos e cadeiras rústicos de madeira, em Valença³⁵; pelo uso técnico e esteticamente moderno de formas e materiais tradicionais nos móveis de madeira e revestimentos de pedra em Bragança e Oliveira do Hospital [7, 8]; e até pela projeção da tradição material e imaterial em peças de arte contemporânea³⁶.

Apesar de mais acanhado, o diálogo não deixava de ser visível em outras Pousadas. Em Sagres, o dispositivo espacial moderno, com signos da Casa Portuguesa e vista para o histórico promontório, acomodava um bar moderno, escrivaninhas de época e embrechados de Tavira³⁷. Mesmo em Évora, Pousada instalada num antigo convento [9], a reabilitação das celas para quartos foi proposta, alternadamente, em estilo de época e de inspiração regional alentejana³⁸.

Tal como o regime, no entanto, o projeto cultural das Pousadas perdeu ânimo, a partir dos anos 1960³⁹. Inauguraram-se e modernizaram-se unidades, mas os monumentos rechearam-se de relíquias históricas e os novos edifícios reproduziram modelos testados do modernismo e regionalismo. Todavia, história, tradição e modernidade mantiveram-se associadas à produção das Pousadas e, nos anos 1990, acabaram por ser atualizadas na reabilitação pós-moderna de monumentos inseridos na paisagem rural por arquitetos que as desenharam como dispositivos museológicos para a experiência nostálgica e contemporânea da cultura nacional. Afinal, a cultura material corporiza significados localizados no tempo e espaço, mas as suas qualidades físicas e simbólicas informam práticas e categorias que os ressocializam constantemente. Os artefactos, como as pessoas, têm vidas sociais, diria Appadurai. Também as Pousadas. Recentemente, foram os próprios dispositivos de objetificação da cultura popular e de interpretação moderna da tradição que renovaram os investimentos patrimoniais nas Pousadas por via da proteção legal de arquiteturas do primeiro e segundo planos, e de movimentos para a salvaguarda das suas peças de arte e mobiliário⁴⁰. Quando “o progresso de ontem se tornou na tradição de hoje e na herança para amanhã”⁴¹, o património incorporou expressões de modernidade, de urbanidade e industrialização, estendendo as dimensões simbólicas de objetos como o mobiliário de série, mas também de projetos culturais que são tão materiais quanto imateriais, como as Pousadas.



7



8

Notas

- 1** Marta Prista – *Discursos sobre o Passado: Investimentos Patrimoniais nas Pousadas de Portugal*. Tese de doutoramento em Antropologia, financiada pela FCT (SFRH/BD/27556/2006).
- 2** Setha Low – “Spatializing Culture: The Social Production and Social Construction of Public Space in Costa Rica”, *American Ethnologist*, v. 23, n.º 4, p. 861-879.
- 3** Diferentes abordagens conceituais e etnográficas ao estudo da Cultura Material podem ser consultadas em Chris Tilley, et. al. – *Handbook of Material Culture*.
- 4** Nas primeiras três décadas do século XX, o turismo deixou de ser uma prática exclusiva das elites e foi institucionalizado no aparelho de Estado, passando a ter legislação própria. Os seus destinos foram promovidos e as suas infraestruturas e equipamentos foram desenvolvidos. Algumas iniciativas tiveram contornos similares aos das Pousadas, designadamente, os Albergues de Carretera e os Paradores criados pelo Patronato Nacional de Turismo de Espanha em 1928; o concurso do Hotel Modelo lançado pelo jornal *Notícias Ilustrado* em 1933, e a tese *Pousadas*, apresentada por Francisco de Lima no 1.º Congresso Nacional de Turismo (1936). No entanto, é preciso considerar que, para o Estado Novo, a política precedia a economia no estabelecimento da ordem social (cf. Lains e Silva – *História Económica de Portugal 1700-2000*).
- 5** Sobre as celebrações da nação, da memória e de identidades, ver Paul Connerton – *Como as sociedades recordam*.
- 6** Daniel Melo – *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*.
- 7** O papel do turismo como marcador de identidade nacional capaz de ressonância social é anunciado por Orvar Löfgren – “The Nationalization of culture”, *Ethnologia Europæa*, v. XIX, p. 5-24. O que o turismo assinala é, no entanto, um repertório particular de uma *check-list* do nacionalismo, não devendo por isso a sua instrumentalização ser associada ao contexto português em particular.
- 8** António Ferro – *Turismo: fonte de riqueza e de poesia*. O programa original previa cinco unidades:

- em Elvas (1942), São Brás de Alportel (1944), Marão (1942), Serém (1942) e Alfeizerão (1943); às quais foram acrescentadas mais duas: Santiago do Cacém (1945) e Manteigas (1948). Ver também “Plano do Regulamento das Pousadas regionais”, SPN, 26 de Fevereiro de 1940 (IANTT-SNI, Caixa 735).
- 9** Ema Pires – *O Baile do Turismo*. Sobre o entendimento de paisagem por António Ferro, ver António Quadros – “António Ferro: um enamorado da paisagem”, *Panorama*, III Série, n.º 12.
- 10** O conceito de objetificação da cultura é desenvolvido por Richard Handler – *Nationalism and the Politics of Culture in Quebec*. Sobre o debate romântico em torno a arquitetura nacional como expressão privilegiada da cultura popular ver João Leal – *Etnografias Portuguesas (1870-1970)*.
- 11** Regime de Exploração das Pousadas homologado por Decreto-Lei n.º 31-259, *Diário do Governo*, 1.ª Série, n.º 106, 9 de maio de 1941.
- 12** A decoração das Pousadas foi da responsabilidade de Vera Leroi e Anne Marie Jauss em Elvas e São Brás de Alportel, Carlos Botelho em Alfeizerão e Serém (colaborou também em São Brás), Maria Keil em Manteigas e Brandão de Carvalho no Marão.
- 13** “Nacionalismo banal” é a expressão usada por Michael Billig para designar a forma difusa do nacionalismo em Estados modernos consolidados e a experiência inconsciente dos seus significados e esquemas mentais em práticas quotidianas como ver televisão, comer, torcer pela seleção nacional ou mesmo andar na rua. O lugar da cultura popular nestas práticas é desenvolvido por Tim Edenson – *National identity, popular culture and everyday life*.
- 14** Referência ao cartaz “A Lição de Salazar”, onde consta “Deus, Pátria, Família: a Trilogia da Educação Nacional” e à importância da domesticidade na divulgação da arte popular pela revista *Panorama*. Cf. Vera Alves – *Arte Popular e Nação no Estado Novo*.
- 15** Helena Maia – “From the Portuguese House to ‘Popular Architecture in Portugal’: notes on the construction of Portuguese Architectural Identity”, *National Identities*, v. 14 n.º 3, p. 243-256. Ver também Pedro Vieira de Almeida – *Apontamentos para uma*

Teoria da Arquitetura.

- 16** V. g. Susana Lobo – *Pousadas de Portugal: Reflexos da Arquitectura Portuguesa do Século XX*.
- 17** Os arquivos consultados sobre os projetos de mobiliário e decoração das Pousadas – Comissão para a Aquisição de Mobiliário, Direção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, Secretariado Nacional de Informação, Arquivo pessoal Oliveira Salazar, e arquivo da ENATUR – mostram processos dispersos, muito incompletos e até inconclusivos, que sugerem a falta de investimento formal numa área de intervenção cuja profissionalização foi bastante tardia (entre os anos 1960 e 1970).
- 18** Esta relação entre ações e atores é aproximativa. Nomeadamente, no que respeita ao mobiliário, há Pousadas onde as peças são desenhadas pelos arquitetos (e. g. Elvas) e outras onde os decoradores também projetam objetos (e. g. Marão).
- 19** De uma forma geral, o mobiliário de uma Pousada incluía: camas, mesa-de-cabeceira, candeeiro de pé, toucador com espelho, banquetas e cadeira para os quartos (incluindo de funcionários); candelabros, candeeiros e apliques, aparadores, mesas e cadeiras para salas de jantar; mesas altas e baixas, cadeiras e cadeirões para espaços intermédios; e secretárias, armários e cadeiras para zonas de escritórios.
- 20** “Memória Descritiva do projeto para o mobiliário da Pousada do Marão” (IANTT, Secretariado Nacional de Informação, Caixa 4202).
- 21** Modernidade possível é o termo usado para designar as negociações entre passado e presente na construção da nação pelo Estado Novo, a propósito da figura de Marcello Caetano, por Francisco Martinho – “Marcello Caetano e a modernidade possível no Estado Novo português”, em Daniel Aarão Reis e Denis Rolland – *Modernidades Alternativas*, p. 239-259.
- 22** As primeiras intervenções nas Pousadas foram anexos construídos para motoristas e funcionários. Mas cedo os projetos iniciais de quatro a seis quartos se provaram insuficientes face à procura, levando à ampliação dos edifícios originais, com novos quartos e espaços sociais, muitas vezes desenhada pelos mesmos arquitetos.



9

23 Documentos frequentes nos vários arquivos são as cartas de hóspedes ou personalidades da época com sugestões para as Pousadas e apreciações sobre o seu recheio e funcionamento. A título de exemplo, refira-se o envio de um exemplar da revista *Panorama* pelo Museu de Arte Popular com uma referência a camas antigas alentejanas para a Pousada de Évora (CAM, caixa 0509/28), e a carta de Francisco de Mendonça sobre a entrada de “uma horda da FNAT” na Pousada de Óbidos, na qual sugere a proibição de visitantes ao estabelecimento (IANTT-SNI, Caixa 5563).

24 A falta de integridade dos processos de mobiliário e decoração impedem uma leitura global das intervenções. Ainda assim, o conjunto de documentos dispersos sobre um mesmo espaço e tempo permite a leitura parcial de alguns espaços e dimensões.

25 O processo da Pousada de Óbidos é desenvolvido em Marta Prista – “Turismo e sentido de lugar em Óbidos: uma pousada como metáfora”, *Etnográfica*, v. 17, n.º 2, p. 369-392.

26 “Relatório de Inspecção às Pousadas”, 1952 (IANTT-SNI, Caixa 2892). A distinção social associada ao consumo de artefactos históricos, por comparação com objetos da cultura popular, é desenvolvida por Grant McCracken – *Culture and consumption*.

27 Sobre a relação entre António Ferro e Salazar, no quadro da política cultural e construção ideológica do Estado Novo, ver Fernando Rosas – “Prefácio”, em António Ferro, *Entrevistas com Salazar*.

28 “Generalidades acerca dos programas para as pousadas a construir segundo o novo plano”, SNICPT, 1954 (Arquivo IHRU[DSARH-011007/01]). “Despacho sobre as Pousadas”, Presidência do Conselho, 16 de dezembro de 1953 (IANTT-AOS-PC-81B, pasta 1). Muito embora o plano previsse mais unidades, construíram-se então as Pousadas de Estrada em Bragança (1959), Serpa (1960), Caramulo (1962) e Oliveira do Hospital (1970), a Pousada de Fronteira em Valença do Minho (1963), as Pousadas de Beira-Mar em Sagres (1960) e na Ria de Aveiro (1960), as Pousadas de Barragem em Castelo de Bode (1954) e Miranda do Douro (1962), as Pousadas de Monumento na Fortaleza de Setúbal (1965) e no Convento dos Loios em Évora (1965).

29 Distanciando-se do restauro ideológico das campanhas iniciais da DGEMN, as intervenções seguiam mais de perto os princípios da Carta de Veneza (1964) que preconizava uma obra total (da envolvente ao recheio), recusava a restituição do passado, autorizava o uso de técnicas e materiais modernos, defendia o respeito por todos os tempos históricos e a reutilização dos monumentos como medida de salvaguarda. Cf. Miguel Tomé – *Património e Restauro em Portugal (1920-1995)*.

30 João Andresen em Valença, José Luís Loureiro em Bragança, Alberto Cruz na Ria de Aveiro, Manuel Tainha em Oliveira do Hospital. Estas propostas têm sido associadas à ideia de “regionalismo crítico” enunciada por Kenneth Frampton na conceção de uma Terceira Via pela historiografia da arquitetura portuguesa. Cf. Ana Tostões – *Os Verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50*.

31 São exemplos as pousadas de Sagres, projetada para as celebrações henriquinas por Jorge Segurado, e as de Castelo de Bode e Miranda do Douro, por Jacobetty Rosa e Leonardo Castro Freire, respetivamente, junto às barragens que simbolizavam os esforços modernizadores de eletrificação nacional.

32 João Leal – *op. cit.*

33 Correspondência interna entre CAM, SNI e DGEMN (arquivo IHRU[DSARH-011/247] e CAM, Caixa 0207/07).

34 Se, nas primeiras Pousadas, o popular era apresentado como natural, nas segundas Pousadas, o tradicional era o tema da arte moderna. Em um e outro casos, no entanto, é formalizada uma diferença cultural que valida a distinção social entre grupos populares e elites, estas últimas detendo o capital intelectual para construir os significados que têm por função social organizar a vida moral e cultural de toda a sociedade. Cf. John Storey – *Inventing Popular Culture*.

35 “Memória Descritiva do Mobiliário e Decoração da Pousada de Valença do Minho” (Arquivo CAM, Caixa 0403/06).

36 A título de exemplo, os painéis cerâmicos de Júlio Resende para Bragança e as tapeçarias de João Abel Manta para Oliveira do Hospital.

37 “Memória descritiva e justificativa do arranjo interior

e da decoração da Pousada do Infante em Sagres” (Arquivo IHRU[DSARH-011/0242/1]).

38 DGEMN – *Pousada dos Lóios: Évora. Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, n.º 119. Arquivo CAM, Caixa 0244.

39 Sintoma é a sua incorporação na Secretaria de Estado do Turismo, criada em 1968, por extinção do SNI e exigências de um turismo em vias de massificação.

40 As Pousadas de Santiago do Cacém e de Oliveira do Hospital foram classificadas como Imóvel de Interesse Público em 2010 e 2005, respetivamente. Mas os movimentos para a salvaguarda do mobiliário são ainda essencialmente intelectuais e discursivos.

41 David Lowenthal – *The Heritage Crusade and the Spoils of History*, p. 97 (tradução da autora).

Bibliografia

- ALMEIDA, Pedro Vieira de – *Apointamentos para uma Teoria da Arquitetura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.
- ALVES, Vera – *Arte Popular e Nação no Estado Novo. A Política Folclorista do Secretariado da Propaganda Nacional*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2013.
- APPADURAI, Arjun – *The social life of things: Commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- BECKER, Annete; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried (eds.) – *Arquitetura do Século XX: Portugal*. Munchen: Prestel, Portugal-Frankfurt 97, 1998.
- BILLIG, Michael – *Banal Nationalism*. London: Sage Publications, 1995.
- CALDAS, João Vieira (coord.) – *Caminhos do Património*. Lisboa: DGEMN / Livros Horizonte, 1999.
- CONNERTON, Paul – *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta Editora, 1999.
- DGEMN – *Castelo de Óbidos. Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, n.º 68-69. Lisboa: MOP-DGEMN, 1952.
- DGEMN – *Pousada da Ria*. Lisboa: MOP-DGEMN, 1962.
- DGEMN – *Pousada dos Lóios: Évora. Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, n.º 119. Lisboa: MOP-DGEMN, 1965.
- EDENSOR, Tim – *National identity, popular culture and everyday life*. Oxford / New York: Berg, 2002.

- FERNANDEZ, Sérgio – *Percurso: Arquitectura Portuguesa 1930 / 1974*. Porto: FAUP Publicações, 1988.
- FERRÓ, António – *Turismo: fonte de riqueza e de poesia*. Lisboa: Edições do SNI, 1949.
- FRAMPTON, Kenneth – *História Crítica da Arquitectura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HANDLER, Richard – *Nationalism and the Politics of Culture in Quebec*. Madison: The Wisconsin University Press, 1988.
- LAINS, Pedro; SILVA, Álvaro – *História Económica de Portugal 1700-2000*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2005.
- LEAL, João – *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.
- LOBO, Susana – “Pousadas S.O.S.”, *Laura: revista crítica de cultura arquitectónica*, n.º 3, 2005, p. 34-40.
- LOBO, Susana – *Pousadas de Portugal: Reflexos da Arquitectura Portuguesa do Século XX*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.
- LÖFGREN, Orvar – “The Nationalization of culture”, *Ethnologia Europaea*, v. XIX, 1989, p. 5-24.
- LOW, Setha – “Spatializing Culture: The Social Production and Social Construction of Public Space in Costa Rica”, *American Ethnologist*, v. 23, n.º 4, 1996, p. 861-879.
- LOWENTHAL, David – *The Heritage Crusade and the Spoils of History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- MAIA, Helena – “From the Portuguese House to ‘Popular Architecture in Portugal’: notes on the construction of Portuguese Architectural Identity”, *National Identities*, v. 14, n.º 3, 1012, p. 243-256.
- MARTINHO, Francisco – “Marcello Caetano e a modernidade possível no Estado Novo português”, in Daniel Aarão e Denis Rolland. [Orgs.] – *Modernidades Alternativas*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008, p. 239-259.
- MATTOSO, José (coord.) – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, v. 7, 1994.
- MCCRACKEN, Grant – *Culture and consumption: New approaches to the symbolic character of consumer goods and activities*. Indianapolis: Indiana University Press, 1988.
- MELO, Daniel – *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2001.
- MILLER, Daniel – “Artefacts and the meaning of things”, in Tim Ingold (ed.) – *Companion Encyclopedia of Anthropology*. London: Routledge, 1994, p. 396-419.
- PINA, Paulo – *Portugal: o Turismo no Século XX*. Lisboa: Lucidus, 1988.
- PIRES, Ema – *O Baile do Turismo: Turismo e Propaganda no Estado Novo*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2003.
- PRISTA, Marta – *Discursos sobre o Passado: Investimentos Patrimoniais nas Pousadas de Portugal*. Lisboa: FCSH-UNL, 2011. Tese de Doutoramento em Antropologia.
- PRISTA, Marta – “Turismo e sentido de lugar em Óbidos: uma pousada como metáfora”, *Etnográfica*, v. 17, n.º 2, 2013, p. 369-392.
- QUADROS, António – “António Ferro: um enamorado da paisagem”, *Panorama: Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, III Série, n.º 12, 1958.
- ROSAS, Fernando – “Prefácio”, in António Ferro – *Entrevistas a Salazar*. Lisboa: Livraria Editora, 2007, p. XXVII-XLVIII.
- SNI – *Pousadas do Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo*. Lisboa: Edições do SNI, 1948.
- STOREY, John – *Inventing Popular Culture: From Folklore to Globalization*. Oxford: Blackwell, 2003.
- TILLEY, Chris; KEANE, Webb; KUCHLER, Susanne; ROWLANDS, Mike; SPYER, Patricia – *Handbook of Material Culture*. London: Sage, 2006.
- TOMÉ, Miguel – *Património e Restauro em Portugal (1920-1995)*. Porto: FAUP Publicações, 2002.
- TOSTÕES, Ana – *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970*. Lisboa: IPPAR, 2004.
- TOSTÕES, Ana – *Os Verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*. Porto: FAUP Publicações, 1997.